

## O Brasil cai na real

## Crédito e consumo menores

Expectativa de desemprego maior e alto endividamento das famílias deixam bancos mais cautelosos e adiam sonhos de compra dos brasileiros

» DECO BANCILLON

Há quatro anos, o paraense Melquizebec Soares Araújo, então com 38 anos, realizou o maior sonho: após uma vida de esforço e de trabalho intenso como pedreiro, ele deu entrada no financiamento da casa própria. Assumiu a prestação mensal de R\$ 590 do imóvel, localizado em Águas Lindas de Goiás, no entorno do Distrito Federal. Dar conta do recado não foi fácil.

O sufoco é ainda maior porque nem Melk, como gosta de ser chamado, nem a esposa, que recentemente ficou desempregada, possuem renda formal. A solução é comprar tudo à vista ou parcelar no carnê, quando a loja oferece essa opção. O duro são os juros cobrados na operação, já que o casal não possui garantias de que conseguirá quitar o débito em dia. Um exemplo foi a máquina de lavar automática, recém-adquirida por R\$ 1,3 mil. “Dei R\$ 400 de entrada e parcelei o restante, em nove prestações de R\$ 155”, explica. Ao fim do prazo, Melk pagará, só de encargos financeiros, quase R\$ 500. “São juros demais”, constata.

O pedreiro e a esposa sonham com o dia em que terão acesso a cheque e cartão de crédito. “Seria possível parcelar uma compra sem pagar juros”, ele diz. Na opinião de Melk, os bancos dão bofeira com relação às exigências, já que “quem movimenta o país são justamente as pessoas que não têm como comprovar renda. “Quem compra nas lojas com carnê é quem mais paga juros”, observa.

De acordo com o economista-chefe da MB Associados, Sergio Vale, a maior parte das famílias não consegue realizar desejos de consumo apenas com a renda disponível. “O crédito permite não só que essas pessoas adquiram esses bens, mas estimula um ciclo de expansão do consumo que favorece a todos — ao banco, ao lojista, ao vendedor e ao próprio cliente”, emenda.

## Ciclo encerrado

O Brasil viveu na última década um boom de crédito que só chegou ao fim a partir do estouro da crise financeira mundial, em 2008. Desde então, os bancos mantêm oferta de dinheiro em alta, mas a um ritmo cada vez menor. O crescimento que, até 2008, era de 30,7%, desacelerou para 11,2%, em 2014. Mas pode piorar. Os analistas calculam que, neste ano, o volume de recursos colocados à disposição de empresas e famílias no país avançará apenas 10,5% — o pior desempenho em uma década. A expectativa é de que a taxa continue caindo até chegar a 8,8%, em 2019.

Tudo vai depender de como a economia reagirá aos ajustes promovidos pela nova equipe econômica, que incluem a redução de gastos públicos e o fim dos repasses de recursos públicos para bancos estatais. “Não há escapatória”, decreta o vice-presidente de Tesouraria do BI&P Indusval & Partners, Gil Faiwichow, “como, nos últimos anos, os bancos públicos foram os entes que mais liberaram dinheiro no país, a menor participação deles vai resultar em restrições ainda maiores para aqueles que precisam de crédito”, diz.

É por isso que mesmo a projeção de 2015 pode ser revisada para baixo, alerta o estrategista-chefe do Banco Mizuho, Luciano Rostagno. Para ele, as turbulências na economia e a necessidade de ajustes nas contas públicas poderão resultar em aumento do desemprego e maior cautela dos bancos na hora de conceder empréstimo. “A perspectiva é de ainda mais

## Selic alta prejudica

O aperto na renda tende a ser grande também por conta da alta de juros, já que o Banco Central iniciou um novo ciclo de elevação na Selic. Em um ano, a taxa subiu de 7,25% anuais para 11,75%. Mas, a que tudo indica, os juros seguirão em alta até março deste ano, quando chegarão a 12,5% — o maior patamar desde julho de 2011. Mesmo após a reversão desse processo de aperto monetário, a partir de 2016, o custo financeiro no país ainda será bastante elevado. As apostas dos analistas são de que a taxa Selic ficará acima de 9,25% até o fim de 2019.

restrição ao crédito do que já temos visto”, avalia.

O Banco Central (BC), por sua vez, projeta em 12% o avanço da oferta de dinheiro neste ano. No entanto, ao *Correio*, o presidente do Bradesco, Luiz Carlos Trabuco, optou por traçar um quadro de cautela para este ano. “O crédito é um multiplicador do PIB (Produto Interno Bruto). Então, a evolução (da oferta de recursos) dependerá muito de como se comportará a atividade econômica em 2015”, observa.

Coordenador de economia aplicada do Instituto Brasileiro de Economia (Ibre) da Fundação Getúlio Vargas (FGV), Armando Castelar Pinheiro atribui a menor oferta de recursos à fraqueza da economia. Diante da estagnação do PIB, os trabalhadores começaram a receber reajustes salariais cada vez menores. Por sua vez, a escalada da inflação passou a pressionar cada vez mais a renda das famílias. “Os ajustes que serão colocados em prática vão resultar em queda da renda, o que não ocorre desde 2003”, relembra. A diferença entre os dois períodos, observa Castelar, é que, naquela época, endividamento das famílias não era tão elevado quanto hoje.

## Aperto

Nunca antes o brasileiro esteve tão cheio de dívidas. Considerando-se apenas os compromissos com o banco, os débitos já corroem praticamente metade do orçamento familiar. O último dado divulgado pelo BC, relativo a setembro do ano passado, revela que o endividamento chega a 45,88% da renda acumulada em 12 meses. Em 2005, essa relação era menos da metade do que é hoje, de 21,47%.

Com a renda no limite, muitas famílias deixarão de consumir, alerta a economista-chefe da Rosenberg Associados, Thaís Marzola Zara. “Tudo leva a crer que teremos anos difíceis para o consumo”, diz. “Como a gente tem o mercado de trabalho piorando e a oferta de crédito mais fraca, a perspectiva é que o consumo das famílias vá encolher”, decreta.

Para piorar, quem assumir novas dívidas pagará bem mais caro para quitar os débitos, avalia o economista Vagner Alves, da Franklin Templeton Investments. “O serviço da dívida, que é quanto o consumidor paga de juros para financiar o débito, piorou bastante nos últimos anos”, diz. “O que preocupa é que, além de pagar mais caro para rolar essa dívida, o consumidor deverá sentir um aperto ainda maior no bolso, já que é provável que haja crescimento bem menor da renda nos próximos anos”, alerta.

## Fim de festa

Após anos de forte expansão, oferta de crédito desacelera e consumo encolhe

• Endividamento das famílias praticamente dobra nos últimos anos, como consequência de uma temporada de dinheiro barato nos mercados. Mas a situação agora é de aperto; a torneira do crédito secou e bancos, com medo do calote, reduzem as linhas de empréstimos e financiamentos disponíveis para o consumidor.

• Além da menor disponibilidade de crédito para consumo, brasileiros terão de se acostumar com reajustes salariais menores daqui para a frente. Na melhor das hipóteses, a expansão da massa real de salários será a metade do que foi até 2010 — não por acaso, o último ano em que a economia cresceu mais fortemente.

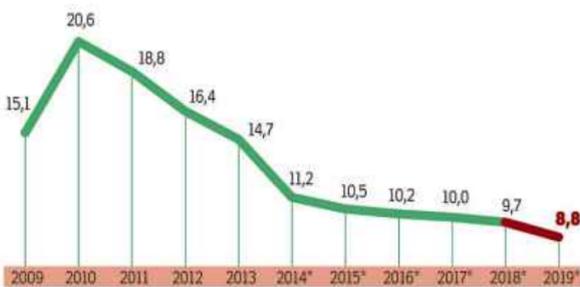
• A situação financeira das famílias tende a piorar, por causa dos reajustes salariais menores e da inflação resistente. O ano de 2014 foi o último em que a inadimplência registrou queda na comparação com o exercício anterior. O calote tende a subir e ficar estacionado em um patamar elevado, até o fim do segundo mandato de Dilma.

• O aperto na renda deve ser forte também por conta dos juros altos. O remédio amargo tem como objetivo curar o país do mal da inflação, que só deverá recuar para o centro da meta de 4,5% no fim de 2016. Assim, a Selic não deverá voltar tão cedo para seu menor patamar histórico: 7,25% ao ano.

## TORNEIRA VAZIA

Bancos reduzem empréstimos e dificultam a retomada do crescimento

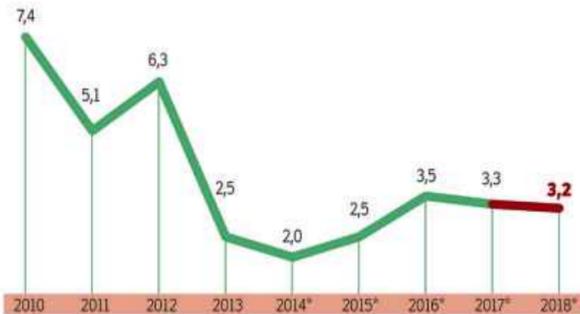
Evolução do crédito (em %)



## BOLSO VAZIO

Salários pagos aos trabalhadores já não crescem mais como antes

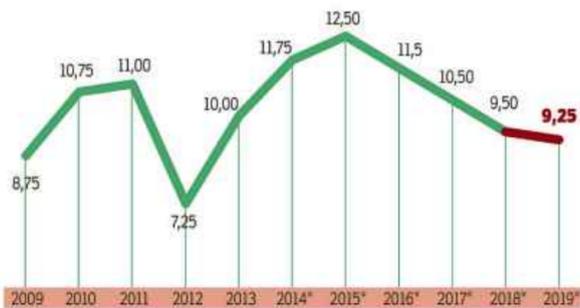
Massa real de salários (em %)



## APERTO MONETÁRIO

Para botar freio na alta de preços, juros básicos seguirão em alta

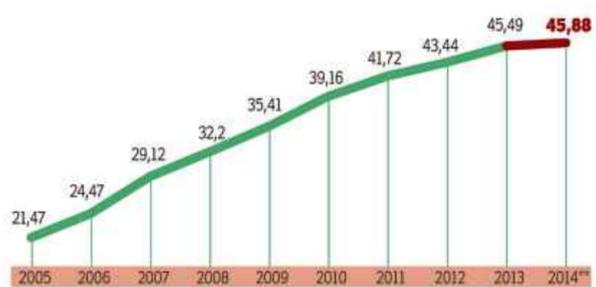
Taxa Selic em % ao ano



## NO APERTO

Temporada de crédito farto só serviu para aumentar endividamento das famílias

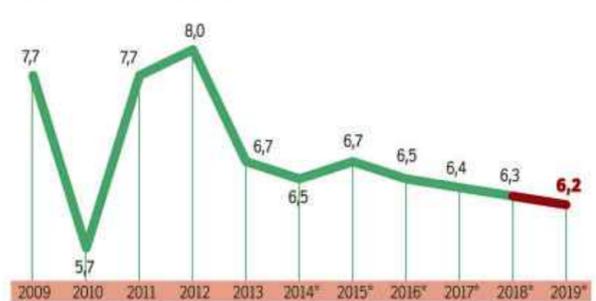
Baseado em dezembro de cada ano, exceto 2014 (setembro)



## CORDA NO PESCOÇO

Sem conseguir pagar dívidas, mais brasileiros dão o calote nos bancos

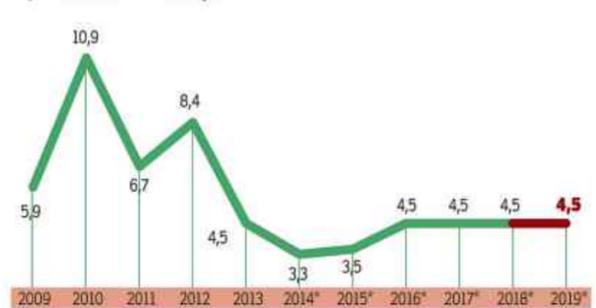
Inadimplência das pessoas físicas, em %



## XÔ, GASTOS

Com a renda estrangulada, famílias terão que apertar cinto e reduzir compras

Expansão das vendas no varejo em %



(\*) Projeção

(\*\*) Último dado disponível



Fontes: Banco Central, CNC, Bradesco, Santander, IBGE e Anefac